

ASPECTOS DO FENÔMENO DO CANGAÇO NO NORDESTE BRASILEIRO (V).

(Conclusão).

MARIA CHRISTINA RUSSI DA MATTA MACHADO

Licenciada em História pela Pontifícia Universidade
Católica de São Paulo.

FIM DO CANGAÇO.

A decadência *do cangaço* é fruto de mudanças que se operaram no plano nacional e regional.

Em termos globais, é fundamental levar em consideração as mudanças de ordem política, econômica e social.

Com a revolução de 1930, a política brasileira passou por transformações mais aparentes do que reais, em termos de alterações econômicas-sociais (subida e melhoria das classes mais pobres em detrimento dos ricos, etc.).

Ainda que as oligarquias, aparentemente, se mostrassem solidárias com o Poder Central, na verdade a intransigência de Washington Luiz, no tocante à política cambial e cafeeira, dava causa à desagregação da homogeneidade das classes conservadoras, em torno da Presidência da República. Não obstante, quando se apresentou o problema sucessório, as mais expressivas unidades representantes do poder Econômico se manifestaram através de documentos públicos, solidárias com o candidato do Catete. Não apenas as associações rurais, mas também os grêmios, as entidades etc., que aglutinavam as novas forças produtivas emergentes na esfera industrial (Confederação Nacional da Indústria, etc.), formalmente, acolheram o nome indicado por Washington Luiz.

À primeira vista, parecer-nos-á chocante o fato das associações de classe (associações representativas de classes produtoras) no plano da lavoura, do comércio ou da indústria, através de manifestos, desde logo, externarem solidariedade ao governo de Washington Luiz e ao seu candidato paulista Júlio Prestes, representante da oligarquia de

São Paulo. Contudo, compreender-se-á essa atitude se examinarmos a tradição política da República, cujas origens mostram a constante solidariedade ao poder central, expressão dos interesses globais de uma estrutura agrária politicamente representada pelos Partidos Republicanos, traduzindo os interesses oligárquicos regionais. Tenha-se em conta que o processo de diferenciação econômica, mesmo nos albores da revolução de 30, não lograra definir-se em vertentes autônomas, isto é, agrarismo e industrialização. Esta última, nada representava em nosso balanço de pagamentos — então altamente deficitário — que, sobretudo no café, encontrava minguados recursos para atenuar esse desequilíbrio (1).

(1). — A chamada revolução de 30 se insere num processo “revolucionário” que atingiu vários países da América Latina, dado o caráter dependente da economia de toda essa parte do Hemisfério Ocidental, composto de países exportadores de produtos agro-pastoris, matérias-primas, matérias extrativas. Contudo, é preciso acentuar que os anseios de renovação da estrutura econômico social desses países retardatários, entre os quais situava-se o Brasil, volta e meio emergiam através de movimento de contestação armada. Especificamente no Brasil, a revolução de 30, precedida de uma série de rebeliões, traduz uma das chapas mais expressivas, pois se situa num dos pontos culminantes de um processo iniciado em 1922, e que engendra o que a história viria a chamar de *Tenentismo*.

Embora a liderança, de fato, do movimento, fosse de ordem militar, a contribuição *civil* ainda que caudatária se fez também presente.

O fato da liderança ser militar explica-se por vários motivos:

1º). — As forças armadas eram um estamento que, apesar de talado por contradições internas, representava uma unidade não existente entre as chamadas classes conservadoras distribuídas ao longo do território, pelas várias oligarquias.

2º). — O Brasil mal entrava pela senda da urbanização, o que implica o predomínio das áreas rurais sobre as cidades.

3º). — A industrialização, ainda incipiente, limitando-se praticamente ao ramo têxtil e à alimentação, não havia gerado, na medida reclamada, um proletariado capaz de impor-se como força social, ainda que se considere o fato de o decênio do século ter assistido, no seu término, a um dos acontecimentos mais significativos da história contemporânea que foi a Revolução Russa. A todo passo, se vem próceres das classes conservadoras evocando o “espectro do comunismo”, como ameaça presente, com o propósito de justificar a necessidade da pacificação entre suas várias facções oligárquicas, em choque com interesses regionais.

O governo ainda que propendesse para o agrarismo, contava com as classes produtoras em seu conjunto. Isso ocorria porque estas viam nas manifestações dos anseios populares pela liberdade, expressos pelas frequentes rebeliões-ameaças à estrutura econômico-sociais vigentes. A tradição de “vitória” do grupo no poder era considerada, também, um fato inelutável.

Dai toda a fase que *precede* a chamada Revolução de 30 ser marcada por documentos públicos das entidades da classe produtora, contendo declarações de solidariedade ao situacionismo.

O presidente era, de fato, o coordenador das oligarquias, através dos partidos políticos e chefes regionais.

Quando a crise econômica internacional de 1929 começou a ganhar corpo, as medidas de Washington Luiz para reduzir suas consequências, no Brasil, com a modificação da política cafeeira, já não poderiam contorná-la nas dimensões necessárias, em face da intransigência anterior.

O *fluxo emissário*, para sustentação dos preços internos do café, teve pronta consequência sobre o nível de vida das parcelas dos setores desafortunados da população brasileira, criando um mal-estar generalizado, capaz de robustecer a onda de descontentamento com o regime, já acentuada, no início do decênio dos 20.

As várias tentativas insurrecionais, que ganham corpo particularmente em 24, fixam sua linha ascendente, criando o que se chama de *Tenentismo*, sem contudo transpor os limites dos quadros políticos institucionais. O descontentamento popular é sentido pelas várias facções oposicionistas, que se esboçam mais em termos políticos que sociais, quando se apresenta o problema sucessório, ainda que Getúlio Vargas, candidato da Aliança Liberal, veja, sobretudo na solução da crise cafeeira, a terapêutica imediata para a cura dos graves males que afetaram a nação. O próprio *tenentismo*, que se agrupa em torno do candidato da Aliança Liberal, afora pouquíssimas exceções, não tem à sua frente outras perspectivas senão as de natureza política.

Sob a bandeira desfraldada pelo gaúcho Assis Brasil — *Representação e Justiça* — estava a panacéia para a terapêutica dos males que afligiam o país.

Imposta pelas armas a vitória de Getúlio Vargas, em outubro de 1930, nenhuma medida *radical* para uma reestruturação da base econômico-social do país foi tomada. As oligarquias regionais, imperantes até 1930, quando muito, sofreram arranhões de superfície, mas de fato, não viram seu poder econômico reduzido, dado que era ainda o café, e outros produtos agro-pastoris e extrativos, que determina-

Getúlio Vargas, embora cercado pelo calor do entusiasmo popular, ao desencadear a revolução de 30, teve como esteio não os grupos oligárquicos, que compunham as chamadas classes conservadoras, mas o *tenentismo*, que, embora ideologicamente contraditório e mesmo marcado em largos setores por um cunho autoritário, oferecia novas perspectivas para a saída da crise econômica que abalava o país.

Sob a pressão do tenentismo, os próceres civis da revolução de 30 são obrigados, na primeira fase do movimento a aceitar algumas medidas de natureza social e econômica (Código de Minas, Ministério do Trabalho etc.) — mas que não feriram, sequer superficialmente, a estrutura econômica do Brasil, assentada sobre a grande propriedade rural. A inspiração, que traduzia os anseios do povo, era configurada pela bandeira do *tenentismo*.

vam 70% de nossa exportação. Todas as medidas empreendidas pelo governo provisório de Getúlio Vargas, todas as promessas imbuidas de idealismo das alas mais progressistas do *tenentismo*, não passaram de vãos acenos que se chocavam com a realidade irredutível, de uma estrutura agrária, determinante da política econômico-financeira.

A crise cafeeira promoveu o deslocamento de capitais excedentes para a área industrial, ainda que não chegando a modificar-lhe a fisionomia preponderante, onde pesavam, como índices básicos, a indústria textil e a da alimentação.

A Revolução de 30, tendo como motivo também esse fator (crise cafeeira), acelerou o processo de urbanização, impondo ao chamado Governo Provisório, entre outras medidas, a criação do Ministério do Trabalho, que constituiu para aqueles tempos, uma singularidade.

A crise cafeeira, conseqüente a uma crise internacional, dá origem à transferência de capitais para a área industrial, estimulando-lhe o crescimento, ainda que em medida pouco relevante.

A chamada *Intentona de 1935*, promovida pela Aliança Nacional Libertadora e que agrupava um suposto tenentismo de esquerda e a pequena burguesia radical, é outra etapa — ainda que com veleidades esquerdistas — no itinerário que levaria Getúlio Vargas ao golpe de Estado de 1937, instaurando o Estado Novo.

O Estado Novo, a um só tempo, pretende destruir os grupos oligárquicos resistentes e o radicalismo esquerdizante, de que fez parte o próprio partido Comunista do Brasil.

O golpe de Estado, de 1937, arma Getúlio e seus seguidores dos instrumentos institucionais de caráter autoritário, para uma reformulação política estrutural do Estado Brasileiro. A constituição outorgada, que se baseia em princípios fascistas, já vigentes em alguns Estados europeus (Itália, Alemanha, Polônia, Portugal), suprimiu as liberdades democráticas e impôs ao sindicalismo um sistema corporativo, conferindo ao chefe de Estado poderes ditatoriais. Por meio desses institutos, Getúlio designa representantes seus, interventores-instrumentos, para execução de reformas que dotam o Estado Brasileiro de um arcabouço centralizador.

* * *

*

Considerações finais.

Na verdade, erigido ao poder, o grupamento, que se chamou Aliança Liberal, circunscreeveu suas reformas aos limites de natureza política, não atacando nenhum dos problemas que poderiam, efetiva-

mente, constituir alicerce de um Estado representativo de forças sociais em ascensão, capaz de propiciar condições para um real desenvolvimento das forças produtivas nacionais. Mesmo dentro dessas limitações, as oligarquias sobreviventes, encabeçadas pela mais poderosa delas, a de São Paulo, tentaram jugular ameaças potenciais que as camadas menos afortunadas e a classe média abrigavam. A Revolução de 32 pode constituir o marco mais significativo, no sentido da contenção de um processo desencadeado, ainda que no plano puramente das promessas.

Reuniu-se a Assembléia Nacional constituinte em 15 de novembro de 1933, mas não resolveu nenhuma das contradições, tanto assim que foi desembocar no golpe de estado de 37.

O problema da terra não foi objeto de preocupação. Fez-se a Constituição, com reformas políticas superficiais (voto secreto etc.), mas não foram enfrentados problemas básicos.

É importante analisarmos até que ponto as modificações políticas, ocorridas no âmbito geral, vão influir no plano regional.

A Revolução de 1930 provocou desajustes nas fazendas dos senhores rurais, base das oligarquias regionais. As perseguições políticas continuaram, e os donos das terras sentiram-se inseguros e desanimados com o *crack* de 29; os produtos nacionais tiveram seus preços reduzidos no mercado internacional.

“Não se julgue, por isso, que houve uma ruptura completa e definitiva entre a burguesia e o latifúndio. A velha aliança anteriormente existente fazia-se agora sob uma nova fórmula, numa inversão de papéis: que estava por baixo passa para cima. O conluio continua” (2).

Até 1930, as oligarquias dominavam e o Estado aceitava, na medida em que interessava a ele, os votos dos municípios.

Em 1930, ainda com Washington Luiz na presidência, os coronéis estavam do seu lado.

Os revolucionários da Aliança Liberal tiveram a maioria dos chefes contra eles.

Quando irrompe o movimento armado no Sul, um jornal da Bahia comentou:

(2). — Facó (Rui), *Cangaceiros e Fanáticos*, pág. 18.

“... Oes coroneis Franklin Albuquerque e Hcrácio de Matos, que há anos com tanta eficiência acoossaram na zona sertaneja as tropas rebeldes de Luiz Carlos Prestes, já organizaram, cada qual, três batalhões com efetivos de 500 homens cada. Do coronel Franklin, o presidente da República recebeu um telegrama nestes termos: “Obedecendo à orientação do senador Pedro Lago, deputado Simões Filho e do dr. Geraldo Rocha, organizei um batalhão para a defesa da legalidade e do respeito aos poderes constituídos. Neste posto V. Excia. me encontrará como de costume” (3).

Com a ditadura de Getúlio, configurada no Estado Novo, não haveria mais necessidades dos coroneis darem votos ao Estado.

Com a centralização do poder, em mãos do ditador, com a supressão das Assembléias Legislativas, com a supressão de toda representatividade direta do povo (eleições), os famigerados “currais”, que eram nutridos pelo coronelismo, perderam sua razão de existência, levando, consequentemente, os chefes políticos sertanejos, a uma posição de subalternidade, quando não do desaparecimento puro e simples.

Além disso, o Governo Federal, sustentado pelas Forças Armadas, concentra em suas mãos as decisões e o comando dos Estados, não dá poder aos senhores rurais; ao contrário, penetra em suas fazendas afrontando-os; não precisa mais deles.

“As armas não tinham sido depostas, e, por todo o Nordeste os ânimos ainda acendidos, eram desarmados os coroneis. A medida generalizou-se. Na Bahia, o próprio chefe de polícia comanda a ação a diferentes municípios do interior, detem coroneis, submete-os a interrogatórios, vareja-lhes as fazendas, arrecada-lhes as armas” (4).

As oligarquias regionais, que em outubro de 1930 já haviam recebido alguns golpes, a partir de 1937 são feridas mais profundamente. É verdade que, amparadas ainda nas velhas estruturas praticamente incólumes, sobretudo no tocante à propriedade da terra, não desaparecem, mas em larga parte se renovam através de outros representantes.

(3). — Facó (Rui), *Obr. cit.*, pág. 195 — (jornal *A Tarde* da Bahia de 14-10-1930).

(4). — Facó (Rui), *Obr. cit.*, pág. 194.

No domínio *político*, o Estado Novo, se não elimina, reduz consideravelmente os meios de que dispunham as velhas oligarquias no tocante às forças militares locais.

As polícias locais, a mando dos oligarcas, bandos armados — “provisórios” (Rio Grande do Sul), — passam ao controle do Exército e este agora passa a mandar em toda extensão territorial do país.

Praticamente as forças armadas, polícia, milícia etc., ante às ordens das oligarquias regionais, ficam subordinadas ao poder central. O “ideal” centralizador do Estado Novo se expressa na brusca diminuição, digo, na busca da eliminação das veleidades da autonomia dos grupos oligárquicos, que dispunham até mesmo de forças militares regionais. O federalismo, esteio das Constituições anteriores e instrumento nas mãos das oligarquias, sofre significativas limitações. Com as modificações ocorridas em termos nacionais e regionais, provocando abalo no comportamento do coronel; com as transformações que se operam em termos de política, no campo e, ainda, a maior influência exercida pelo Poder Central no sertão, o cangaço teve de sofrer, forçosamente, um retrocesso que o levou mais tarde ao seu término.

“Aqui jáis Virgulino Ferreira da Silva Lampião o urtímo cangaceiro”.

“Uma legenda de morte que o vento varreu e espalhou no vazio da caatinga, no nada da vida, na contingência do tempo e na passagem da história por uma das pedreiras das margens do Velho São Francisco” (5).

Uma legenda escrita por um soldado com a ponta do dedo sobre a terra que cobriu os restos mortais, já quase apodrecidos, de Lampião, lá mesmo na grotta dos Angicos onde ele foi morto.

Na simplicidade do gesto e numa frase que representou a homenagem do soldado sertanejo ao Rei do Cangaço, a expressão, “urtímo cangaceiro”, era manifestação de uma previsão que iria se tornar realidade.

Morto Lampião, morria o cangaço.

A morte de Lampião foi a causa imediata do fim do cangaço. Existiram contudo outras causas, mediatas ou remotas. Lourenço Filho, em seu livro *O Juazeiro do Padre Cícero*, de 1926, fala dos remédios para terminar o cangaço e cita:

(5). — Goes (Joaquim); *Lampião o último cangaceiro*, pág. 242.

“Estão, no entanto, aos olhos de todos, os remédios. Eles se resumem, numa palavra, em maior liberdade política aos escravizados dos Estados do Norte, em *distribuição de justiça e educação*, ao povo dos Sertões” (6).

Que motivos teriam determinado o fim do movimento cangaceirista?

Vários fatores devem ter contribuído para a extinção do fenômeno.

Seria conveniente analisarmos, agora, alguns deles que ajudaram a encerrar o movimento. Na sua fase final, com as mudanças já se operando, o cangaço declina, a partir de 1930. É provável que as principais expressões desse declínio tenha sido:

I. — *Entrada do elemento feminino.*

Muito embora a entrada da mulher no cangaço tenha contribuído para provocar maior aproximação entre o cangaceiro e a sociedade sertaneja, a verdade é que tal mudança foi a expressão de um certo enfraquecimento nos propósitos originários do homem revoltado.

Antes de 1930, Lampião negou-se, sistematicamente, a aceitar participação do elemento feminino naquela vida nômade.

“Quem veve nesta vida num pode pensá in casa”. “Nem ter Muié” (7).

Lampião pensava assim em Pernambuco, mas já modificava sua opinião na Bahia e, não só se deixou acompanhar por Maria Bonita como permitiu que seus “cabras” procurassem companheiras para segui-los no cangaço. Incorporar a mulher ao bando revelava a visão diferente contra a injustiça. A revolução de 30 deu-lhe a confiança para ingressar na sociedade, certo de que não haveria mais injustiças.

Com o enfraquecimento das oligarquias, é provável que Lampião intuisse e acreditasse numa forma mais calma e mais segura de vida depois da revolução de 1930.

Isso parece confirmar-se no fato de haver Lampião, depois de ter Maria de Déia como sua companheira, procurado por-se ao abri-

(6). — Lourenço (Filho), *O Juazeiro de Padre Cícero*, pág. 178.

(7). — Depoimento de “Zé Sereno”, remanescente do cangaço.

go das perseguições, permanecendo onze meses em inatividade, na fazenda Capim, no município de Porto da Folha, Estado de Sergipe.

Tendo feito uma acordo com um sargento, que estava com um destacamento em uma cidade próxima, a-fim-de- não lhe dar combate, Lampião por sua vez ficaria tranquilo em seu coito (8). Esta paz selada pelo cangaceiro, mostra seu desinteresse em ataques, disputas etc.

“Possuir uma amante permanente, foi o primeiro erro de Virgulino Ferreira, ato que deu lugar a que os seus subchefes quisessem também gozar do mesmo direito”.

“Daí por diante abriram-se as fileiras da família maldita do crime para o ingresso e permanência de mulheres de todo quilate”.

“Só de Sergipe, da Zona de Pôço Redondo, contam-se Rosinha, Aldina, Enedina, Cira e Aurea, estas duas últimas, irmãs”.

“Por fim, a terrível e diabólica pernambucana Dadá, mulher de Corisco” (9).

Esse comportamento demonstra que o cangaceiro já não suportava levar essa vida agitada pelas lutas constantes, sem a companhia de uma mulher que lhe proporcionasse uma existência a dois. E, no momento em que a mulher é aceita no cangaço, esse homem passa a acautelar-se um pouco mais, não se atirando, afoitamente, às lutas, como ocorreria nos anos que antecederam sua chegada à Bahia. Agora ele necessitava de se resguardar e dedicar-se mais a uma companheira, que dividia com ele as dificuldades daqueles passos arriscados. Os cangaceiros começaram a procurar frequentemente os “coitos”, e suas atividades visavam, mais objetivamente, à subsistência.

“Não há pois como negar que a permanência da amante de Virgulino Ferreira nas hostes do banditismo modificou, de leve, a estrutura da organização sinistra”.

“Lampião tornou-se mais esquivo, menos audaz nas arremetidas, amolentando assim a rigidez férrea que sustentava o segredo da invencibilidade daquela estranha sociedade.

“Maria Bonita escondia-o para sua paixão, prendeu-o às suas carícias, distanciando-o do perigo de perde-lo” (10).

Segundo nosso entender, não se tratava disso; na verdade a integração das mulheres no bando traduzia um novo estado de espírito.

(8). — Confronto com a obra de Joaquim Goes.

(9). — Goes (Joaquim), *Lampião, o último dos cangaceiros*, pág. 219.

(10). — Goes (Joaquim), *Obr. Cit.*, pág. 223.

As condições histórico-sociais eram diferentes. Com a revolução, os cangaceiros acreditavam que iam ter paz, tranquilidade; com o coronelismo desmantelado, não havia mais necessidade daquela vida.

Estavam cansados, queriam mudar, queriam novamente fazer parte da comunidade.

II. — *A motivação ao cangaço.*

A entrada de Lampião no cangaço foi impulsionada por motivo muito forte. Mataram seus pais e ele precisava vingá-los. O mesmo ocorreu, anteriormente, com Antônio Silvino, cujo pai foi assassinado numa emboscada. Assim, vamos encontrar uma série de outros elementos que buscaram o cangaço como forma mais objetiva de justiça contra morte de familiares, roubo de terras e violências sexuais praticadas contra parentes.

Com o crescimento da fama de Lampião e com o recrudescimento do cangaço, surgiram as medidas governamentais para combatê-lo. As volantes, soldados contratados pelos representantes dos Poderes Públicos, agiam no sertão. Passaram a perseguir os cangaceiros, na esperança de poder extinguir o fenômeno.

“E como, na concepção estreita dos comandantes das volantes, cada solitário habitante da zona infestada pelo cangaço podia ser um coiteiro, as torturas, as surras de “pinhão”, desabavam sobre todos, inocentes e culpados”.

“Como resultado dessas medidas extremas nasceu e cresceu no peito daquela gente um ódio de morte aos representantes da ordem pública nas caatingas”.

“Entre eles criou-se um aliança, um contrato de solidariedade coletiva: vingar-se das tropas do governo. E se vingaram aliando-se aos bandidos, muitos por dinheiro, outros pelo medo de morrer se os delatassem e quase todos pela desforra das surras e dos espancamentos que os homens da lei, frustrados na sua missão, lhes aplicavam ferozmente”.

“Os infelizes que a nossa volante interrogava naquele momento, foram chicoteados para dizer o que sabiam e o que ignoravam”.

“A verdade é que, nada de positivo ou de proveitoso nos veio das confissões extorquidas pelo argumento físico das cacetadas” (11).

(11). — Goes (Joaquim), *Op. Cit.*, pág. 101.

A participação das volantes, na luta pelo extermínio dos cangaceiros, provocou, sem dúvida, situação das mais angustiantes para o sertanejo.

“Todos eram suspeitos e nenhum merecia confiança porque, comumente, entre eles estava um vigia, um delator, um informante, alugado ou não, para inteirar aos bandidos de todos os passos das forças que os perseguiam” (12).

O sertanejo, que já se espantava muitas vezes com a figura do cangaceiro, passou a viver entre dois fogos: o da volante, que espancava, para saber a pista dos revoltosos; o do cangaceiro que não perdoava os delatores.

Em função disso, passou a nascer um novo tipo de cangaceiro, que era o homem que fugia do massacre das volantes, ou que se revoltava contra elas, entrando no cangaço para vingar-se. Esse foi um novo tipo de cangaceiro incorporado, em grande escala, aos grupos que se espalhavam pelos sertões nordestinos. O cangaço crescia nesse outro tipo de revolta, mas o novo cangaceiro incorporado ao movimento não possuía as mesmas motivações que determinaram o aparecimento de “Lampião”, Antônio Silvino, “Labareda”, “Saracura” e outros.

Um outro fator, determinante do aparecimento de novos cangaceiros, foi a fama colhida por “Lampião” nos sertões. O povo, de um modo geral, via, no homem do cangaço, um forte que esbanjava dinheiro e que ditava ordens. Criou-se o fascínio, e essa era uma razão suficientemente forte para a entrada de novos elementos nesta vida.

“Lampeão tem muita idéia
Sua vida está segura,
Atirá nêle é bobage
A bala bate e não fura.

O rifle de Lampeão
É na verdade um tesouro
O cano é todo de prata
E a coronha é de ouro.

Ninguém pega Lampeão
Que êle tem muita mandinga
Se envulta em toda a parte
Quanto mais lá na caatinga.

(12). — Goes (Joaquim), *Op. Cit.*, pág. 101.

Lampião é rapaz moço
Pode ter vinte e um ano
Ter cartucheira de prata
E um rifle americano.

Lampião é home rico
Tem dinheiro com fartura
No lugá onde passa
Dá esmola e faz figura.

A mulé de Lampião
É danada prá luxá
Prefume de toda casta
Tem dentro do seu borná.

A mulé de Lampião
É faceira e é bonita
Cada cacho de cabelo
Tem cinco lenço de fita.

A mulé de Lampião
Teve dois Lampiãozinho,
Sendo um macho e um feme
Todos dois engraçadinho.

*Adeus, Adeus, minha mãe
Me dê a sua Benção
Vou acertá minha vida
No grupo de Lampião.*

O chapéu de Lampião
É bonito, é enfeitado
Tem prata de toda banda,
Tem ouro de todo lado.

No, logá por onde passa
O bando de Virgolino
Sacristão lá na igreja
Vai logo batê no sino.

O rifle de Lampião
Dá cem tiro num minuto
Já tem feito muita gente
Lá no sertão botá luto.

Lampião é mandingueiro
Tem muita idéia guardada
Atravessa o S. Francisco
Sem canôa e sem jangada.

Lampião o S. Francisco
Atravessa aonde qué
A pinranha caio dente
Perde a fôrça o jacaré.

O rio de S. Francisco
No seu mais fundo lugá
Se abre em toda largura
Para Lampião passá”.

Nos primeiros dez anos de cangaço, Lampião preocupava-se, sobremaneira, com os elementos que o procuravam então os aceitava se não houvesse um motivo muito forte. Com o crescimento do cangaço, entretanto, e com a subdivisão dos grupos, não lhe foi possível fazer qualquer seleção. Podemos dizer que muitos cangaceiros atuaram naquelas regiões sem ter tido a oportunidade de conhecer Lampião. O cangaço passou a ser um refúgio para os oprimidos pelas volantes, para os fora-da-lei, como também, para aqueles que sonhavam com a boa vida e a fartura (13).

Essas novas perspectivas disvirtuaram, certamente, o cangaço nos seus aspectos mais originais. Os novos elementos que se engajavam na vida do mato, nem sempre carregavam aquelas condições que levaram outros cangaceiros ao movimento.

Para reforçar tal observação, considere-se o episódio que ocorreu depois da morte de Lampião, quando o governo resolveu conceder anistia aos que continuavam na luta. Muitos deles se entregaram à polícia, vestiram-se de volantes e foram perseguir os companheiros mais velhos, que se recusaram a aceitar as condições de paz propostas pelo governo (14).

Lampião jamais aceitaria envergar a farda da volante, e se misturar aos “macacos” que ele sempre odiou.

(13). — Depoimento dos ex-cangaceiros — “Balão”, “Pitombeira” e “Dadá”.

(14). — Depoimento dos ex-cangaceiros — “Labareda” e “Saracura”.

A Volante e a Metralhadora.

Claro que existiram outras razões menos fortes, mas que ajudaram também o término do cangaço.

A criação das volantes, se de um lado provocou um clima de maior violência no sertão e o conseqüente surgimento de novos cangaceiros, de outro determinou menor sossego aos próprios cangaceiros.

A perseguição anteriormente era feita pela polícia, sem especificação de elementos talhados para aquela tarefa. Percebeu contudo o governo que, para lutar numa região de tão difícil acesso, somente outros sertanejos, acostumados ao rigor do clima e dos caminhos tortuosos, poderiam fazê-lo. A polícia nunca teve rastreadores, mas a volante os possuía; a polícia nunca teve coragem de penetrar numa região como o Raso da Catarina, mas os elementos da volante chegavam a fazê-lo; enfim, os homens das volantes eram, na realidade, cangaceiros vestidos com farda e tendo, ao seu lado, a lei.

Paralelamente, o governo conseguiu engajar, nas fileiras das volantes, alguns ex-coiteiros do cangaço, homens que estavam acostumados a lidar com os grupos de Lampião.

“Esses coiteiros foram ficando revoltados e foram pegando em armas e foram virando “macaco” e perseguindo com as forças, e isso veio sendo o fracasso dos grupos. Quer dizer que todos os coiteiros que conheciam todos os sistemas dos cangaceiros, como nós era, nossos pontos, tudo aquilo eles sabiam.

Quando foi no tempo que eles entravam nas volantes prá perseguir junto com as volantes já sabiam todo o sistema dos cangaceiros. Se num fôsse assim num acabava nunca, nem cum exército, nem cum esquadra de aviadores. Eles nunca davam fim nisso. Quem terminou o grupo e todo o fracasso dos cangaceiros foi os paisanos, os contratados que eram coiteiros, que se contratavam e botaram prá perseguir a gente, porque todos os costumes do cangaceiros eles conheciam. Foi quem acabou com o grupo foi isso, não foi a polícia não. Nem foi a aviação, nem foi o Exército. Não foi nada, porque eles não iam naqueles mundo que ia o cangaceiro. Naquelas montanhas, naquelas serras, passá sêde, no espinho. Eles num iam nisso não. Porque que ia mesmo nestas coisas era o contratado, que era o mesmo que cangaceiro” (15).

(15). — Depoimento de Sérgio da Silva Chagas — vulgo “Dadá” em 1969.

Os cangaceiros não procuraram equipar-se com melhor armamento. Eles conheciam a metralhadora, conforme afirma hoje José Ribeiro, vulgo “Zé Sereno”, mas não gostavam de usa-la, porque seu peso representava um problema. Outros cangaceiros remanescentes garantem, contudo, que “Lampião” já havia feito uma “encomenda”, e que os grupos iriam receber essa arma mais moderna. Tudo leva a crer, no entanto, que os fornecedores de armas não estavam em condições de atender a esse tipo de encomenda.

A metralhadora foi, em verdade, um peso favorável aos homens da volante.

Eles a usavam em grande escala, notadamente nos três anos que antecederam a morte de Lampião. E foi a ação de metralhadoras que determinou o fim de Virgulino Ferreira e de mais dez cangaceiros na gruta de Angicos.

Com Lampião, o Fim.

O cangaço morreu com Lampião, talvez porque ele representava a última grande liderança, autêntica em suas origens, desse movimento (17).

Mas antes de Lampião ser morto, o cangaço já estava sofrendo certos revezes. O próprio cangaceiro já não encontrava mais decisivas motivações para continuar naquela vida e chegou a pensar, nos derradeiros meses antes de sua morte, conforme afiança a ex-cangaceira Sila, em largar tudo e viajar para o Estado do Mato Grosso. Alguns remanescentes do movimento afirmam hoje que Lampião mostrara-se muitas vezes apático e testemunharam expressões de descontentamento que terminavam com frases como estas:

“Vô deixá uns quilo de ouro pra agaranti o futuro de minha fia e vou me danar por êsse mundo afora”.

(16). — Os remanescentes do cangaço recusam-se, sistematicamente, até hoje, a indicar os verdadeiros homens que forneciam as armas para o cangaço. “Nós num cospe em prato que comeu” — afirmou “Zé Sereno”, para justificar seu silêncio em relação ao problema. Sabe-se, contudo, que existiam vários fornecedores, alguns fazendeiros, e certos oficiais residentes em Sergipe.

(17). — Há uma diferença, como já foi visto, entre a primeira fase do cangaço e a segunda. Na primeira fase, o indivíduo ultrajado deveria vingar-se e isto aconteceu com Lampião, que depois se torna chefe do movimento. Os rapazes que se salvaram após o cerco de Angicos, procuraram logo se entregar, uma vez que lhes fora prometida anistia pelo Presidente Getúlio Vargas.

A verdade é que, no dia da morte de Lampião, na gruta de Angicos, foi encontrado no seu bernal perto de onze quilos de ouro.

As circunstâncias em que ele foi morto levam-nos a acreditar que agiu com displicência. “Zé Sereno” afirma que o convidou várias vezes a sair “daquele buraco”, verdadeira armadilha contra sua segurança. “Corisco”, conforme depoimento de “Dadá”, também não concordava com a permanência do grupo em Angicos.

“Lampião passou por milhares de coisas piores e num morreu. A volante que matou Lampião não era valente. Ele morreu porque naquele dia era capaz de morrer até de uma queda, de um espirro. No lugar que ele estava só tinha entrada, não tinha saída, porque na única saída tava os macacos. Mesmo assim vinte e três cangaceiros inda conseguiram escapar sem morrer nessa brecha. Agora qui o capitão foi teimoso naquele dia, foi mesmo. Aquelo num era lugar prá ficá” (18).

“Angicos é um pequeno afluente do rio São Francisco. Forma em certo trecho de uma de suas margens, depois de uma subida penosa e arriscada, uma gruta estocada de pedras e rodeada de alastrados de chique-chique (*sic*)”.

“Escancara-se a gruta, como uma gargante, para acolher o visitante e o retém prisioneiro entre as suas paredes com uma única saída”.

“O destino governa os vivos, pois só a força da fatalidade justifica a teimosia de Lampião em consentir ser engulido pela fumaça de Angicos, uma bastilha que a natureza construiu cavada entre as pedras e sem nenhuma condição estratégica para os que nela fossem encurralados”.

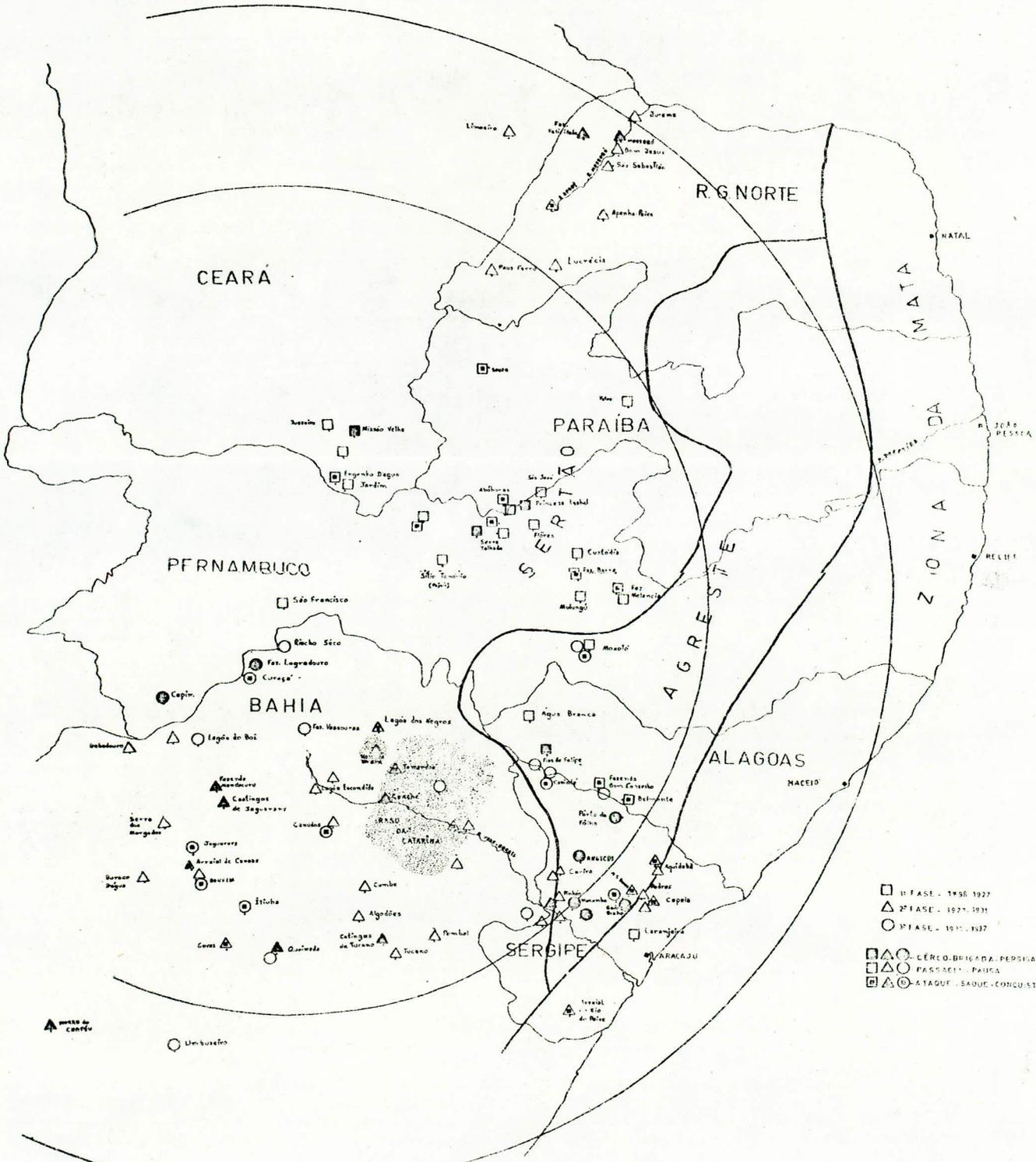
“Mas todos ali eram seus amigos — dizia êle”.

“E o estrategista de tantas façanhas no coração árido das caatingas, o guerrilheiro insuperável na movimentação dos seus homens através dos sertões confundindo e endoidecendo as forças do governo, tinha de morrer em Angicos como um cangaceiro novato imprudente e simplório!”

“Quem conhecia a tática de Lampião, a sua eterna desconfiança, o instinto adivinhatório que o fazia arribar, de sopetão, dos coitos, quando as volantes sorrateiramente se aproximavam, ainda hoje queda-se intrigado, dada a facilidade com que se deixou ficar em Angicos, desprevidido, quase indefeso na sua displicência, e no seu abandono!”

(18). — Depoimento de Sérgia da Silva Chagas — “Dadá”.

PRESENÇA DO BANDO DE LAMPIÃO NO NORDESTE



- 1ª FASE - 1936-1937
- △ 2ª FASE - 1937-1938
- 3ª FASE - 1938-1939
- ◻ ○ △ - CERCO, BARRICADEIA, PEGUEIRA
- ◻ ○ △ - PASSADELA, PAISIA
- ◻ ○ △ - ATAQUE - SAQUE - CONQUISTA

“Debalde foram as advertências de Corisco e Angelo Roque, na tarde de 27 de julho de 1938, ao se despedirem dele para dormir em outro esconderijo mais seguro”.

— “Isso aqui não merece confiança — diziam eles.

E às cinco horas da manhã, ouvindo o tiroteio tiveram estas palavras:

— Aquilo é Lampião qui tá se ardeno, quera Deus qui desta vez escape! (19).

O mito que rodeava a pessoa de Lampião de ter o “corpo fechado” pela força milagrosa das rezas fortes, das medalhas bentas pelo padre Cícero do Joazeiro, dos “breves” e outras crenças nascidos do beatismo sertanejo, o definiam na lenda popular como um homem invulneravel em quem as balas batiam, e, inofensivas, caíam no chão” (20).

— E qual o comportamento dos sobreviventes?

“Balão” que estava no local afirma hoje:

— Foi horrível. Ninguém quiria aceitá a morti du capitão.

Arguém chegou e falou assim — “Ele morreu mesmo”. — Aí foi um disispero danado. As muiê choramingava, os home fazia cara forte pro mode de num chorá, também, mas paricia qui o mundo tinha si acabado prá todos nós. Paricia que era o fim, nós acreditava qui era. Ninguem tinha mais disposição pro mode de num fazê nada. Incostemo perto dum pé de pau e fomo curtir nosso desgosto e fazê nossas oração prá alma do finado. Agora num adiantava mais. O home já tinha ido e nós percisava ver o qui era de nós daí prá frente (21).

“Ali em Angicos, terminaria como de fato terminou a história de vinte anos de crimes do famoso cégo pernambucano que du-

(19). — O autor deve ter confundido os fatos, uma vez que “Corisco”, na tarde do dia 27 do mesmo mês, tentou conseguir uma canoa para atravessar o rio São Francisco, e se encontrar com Lampião em Angicos. Scube que não havia nenhum barco; todos tinham sido utilizados por colantes para atravessar o rio, e chegar rumo a Angicos.

Pela manhã, ouviu tiros que denunciavam mais um cerco em que caíam os cangaceiros.

Mas, quando o fogo cessou, depois de apenas 40 minutos, esperou notícias; soube da morte do chefe Lampião; não pensou mais em atravessar. Esperou alguns dias, pois tinha certeza de que a região estava cheia de volúntes. Só depois conseguiu levar a cabo a vingança planejada (depoime to de Sérgia da Silva Chagas, vulgo “Dadá”).

(20). — Goes (Joaquim), *op. cit.*, págs. 231-232.

(21). — Depoimento de Guilherme Alves, vulgo “Balão”.

rante dez anos enlutou o Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas e em outros dez anos lavou de sangue Bahia e Sergipe”.

“Para um bandido do porte de Lampião a sua morte foi vulgar, o seu fim sem os lances emocionantes que era de se esperar, foi um fim banal. Um assassinato a traição e nada mais”.

“Se o tivessem abatido de armas nas mãos numa luta aberta em dois campos leais, se o tivessem pegado num combate igual, hoje o capítulo dessa história talvez fosse escrito de modo diferente”.

“Mas a traição lhe negou o direito de morrer brigando, de morrer falando pela boca do seu mosquetão, de morrer como viveu, de armas nas mãos e dedo no gatilho” (22).

Corisco tentou apanhar o bastão, empunhar a nova liderança do cangaço, mas lhe faltaram as condições inatas que sobraram sempre em Lampião.

Com a morte do chefe cangaceiro, o movimento perde sua força, a força de um líder que apesar de cansado e querendo deixar a *Luta*, continuou, talvez por sentir a impossibilidade de se refugiar em algum lugar de qualquer Estado.

Seus companheiros permaneceram a seu lado, até o momento em que o chefe, não mais existindo, sem uma razão forte para continuar (vingança) e sabendo da anistia decretada pelo presidente aos remanescentes do movimento, deixaram a luta e o cangaço morreu.

* * *

CONCLUSÃO.

O poder econômico representa, portanto, na estrutura estatal, um valor que deve ser levado em consideração. Pela força econômica, o coronel se vai impor como força política, isto porque, alicerçado em bases econômicas produtivas, de bens exportáveis, ele se vai firmando junto ao Estado que precisa dele, seja ele quem for, não importando o tipo de caudilho, contanto que domine a área para o Estado, para o qual é importante esse domínio, porque o poder econômico é fonte de renda. Nas crises econômicas eles recebem ajuda do Poder Público, como recompensa pela legião de eleitores sempre a eles subordinada. Esses eleitores são o escudo do coronel *no seu relacionamento* com a situação. O Coronel, dono de terra e de outros bens de produção, vai controlar o povo que vive na região.

(22). — Goes (Joaquim), *obr. cit.*, págs. 234.

O Estado foi paternalista desde o tempo da Coroa, que necessitava dos senhores de terra, que representavam fonte de renda para a metrópole.

O Estado sempre lhe delega poderes, e o Coronel fica vinculado pelos bens materiais.

Temendo a ruptura do seu poder, e a conseqüente subida de um concorrente político — outro coronel — manda seus filhos ou protegidos estudar em Faculdades de Direito, para que se tornem futuros defensores de seus interesses, tanto na Câmara Municipal como na Assembléia Legislativa. É a época dos bachareis.

A fragmentação das terras, e a conseqüente concentração da propriedade fundiária, determinaram as lutas de grupos no Nordeste.

O Coronel, baseado na estrutura econômico-social, era violento, e usava a violência porque do seu lado estava a força do Estado, e ninguém se atreveria a enfrenta-lo; não sofreria represálias.

Somente os cangaceiros, homens que representavam no sertão a bravura pessoal e ofensiva, rebelaram-se contra as violências do coronelismo.

ANEXO I.

Considerando que o fenômeno do cangaço ainda tem representantes vivos, foi possível realizarmos uma pesquisa empírica. Os dados foram coletados em seis estados: Paraíba, Pernambuco, Bahia, Sergipe, Alagoas e Ceará.

O critério da seleção da amostra, bastante simples e limitado, não levou em consideração a proporção do seu universo.

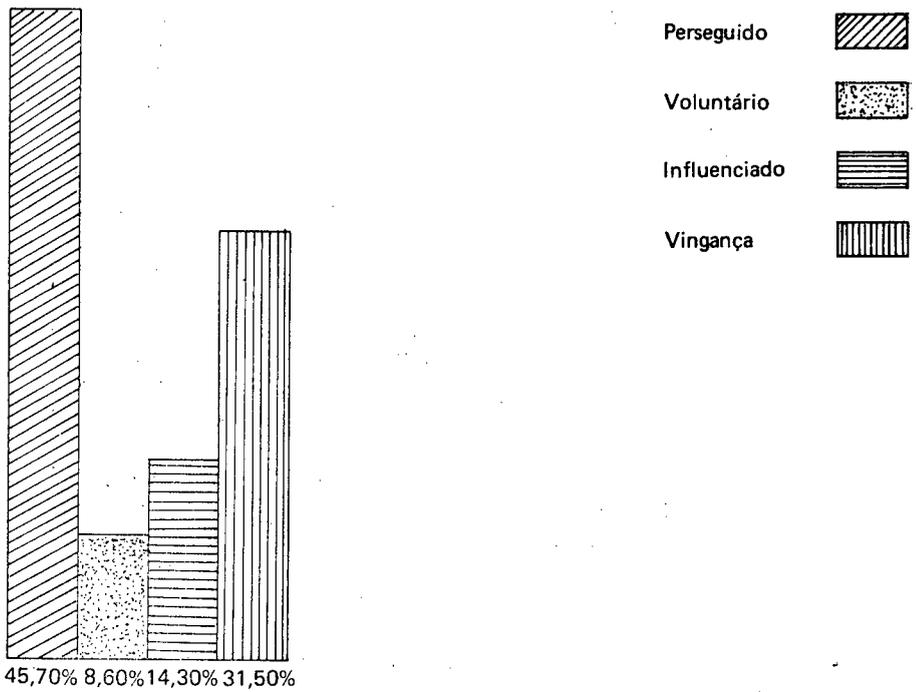
É um estudo que visa a compreender o que tinha maior relação com o assunto e, por isso, era necessário que fossem entrevistados sertanejos com mais de 60 anos, de preferência, relacionados com os cangaceiros e que tivessem vivido na área de influência do cangaço. Dai o estudo feito em dois níveis: num deles, para coletar dados, realizamos entrevistas, ouvidas e gravadas pessoalmente. Num segundo momento, utilizamos a técnica de questionários, submetidos a 68 pessoas.

O questionário tem duas partes: a primeira visa a mostrar o aspecto econômico e social da área, a solidariedade e anomia.

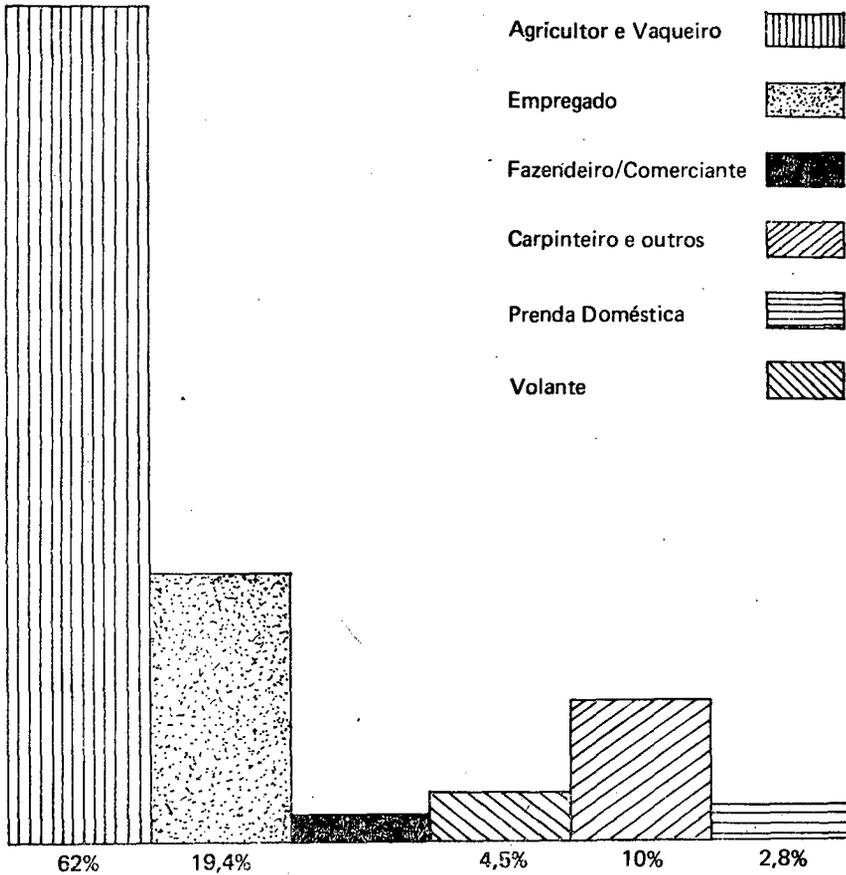
A segunda parte tem como objetivo conhecer os reais motivos da entrada e permanência no movimento. É apresentada em dois aspectos:

MOTIVO DA ENTRADA NO CANGAÇO

Porcentagem amostra: 67 casos

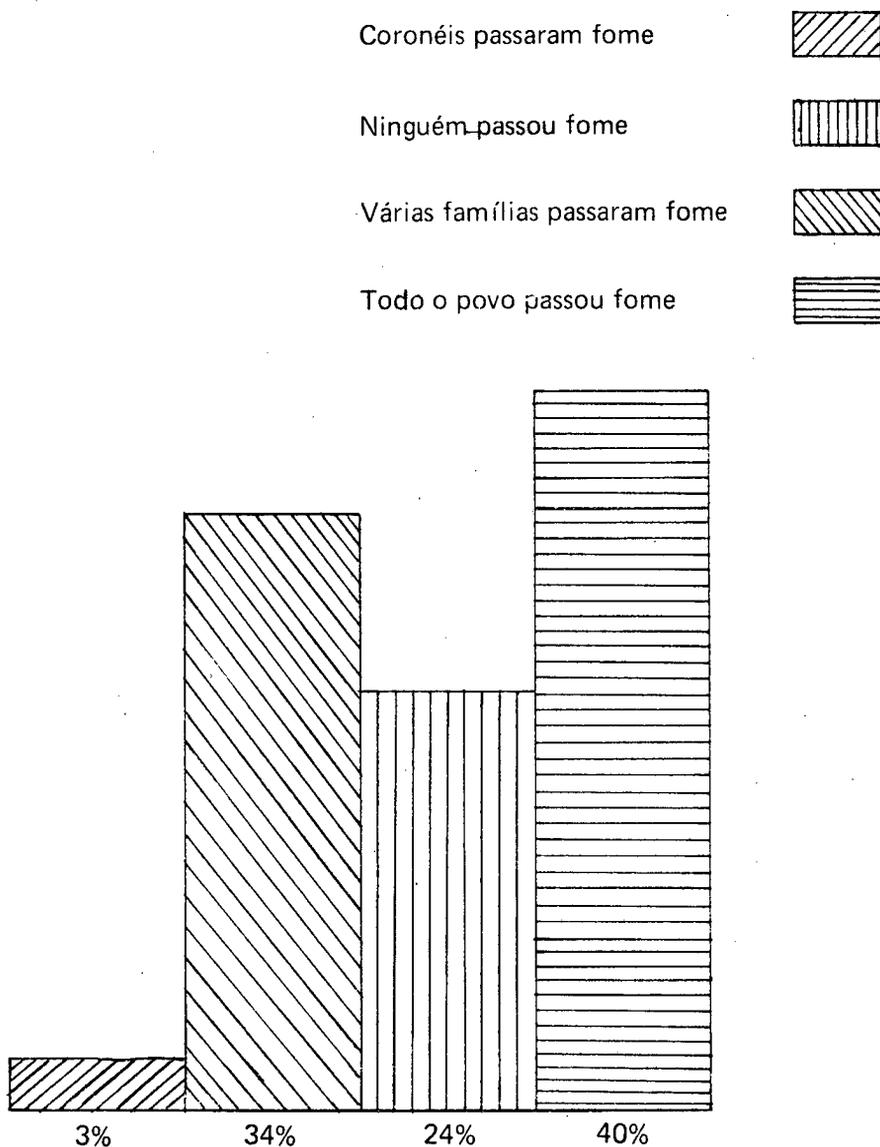


DISTRIBUIÇÃO PORCENTUAL SEGUNDO O TIPO DE OCUPAÇÃO
Amostra 67

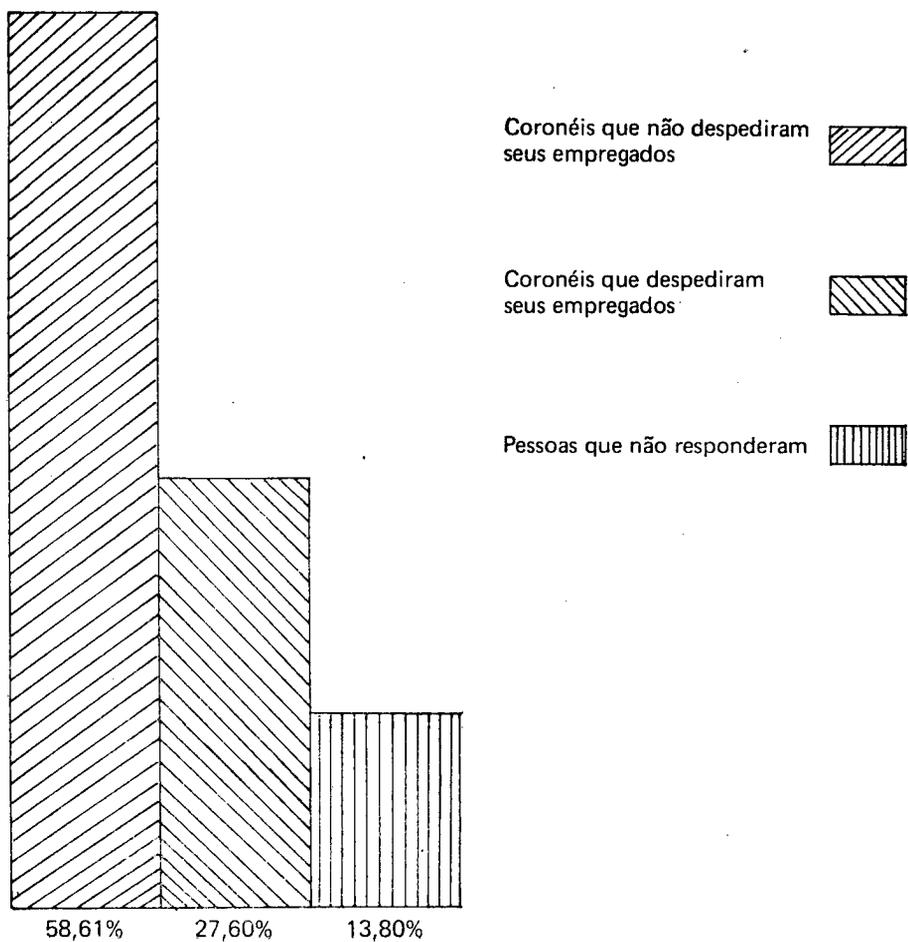


REFERÊNCIA SOBRE FOME NA ÉPOCA DA SECA

Total da amostra 67 — porcentagem

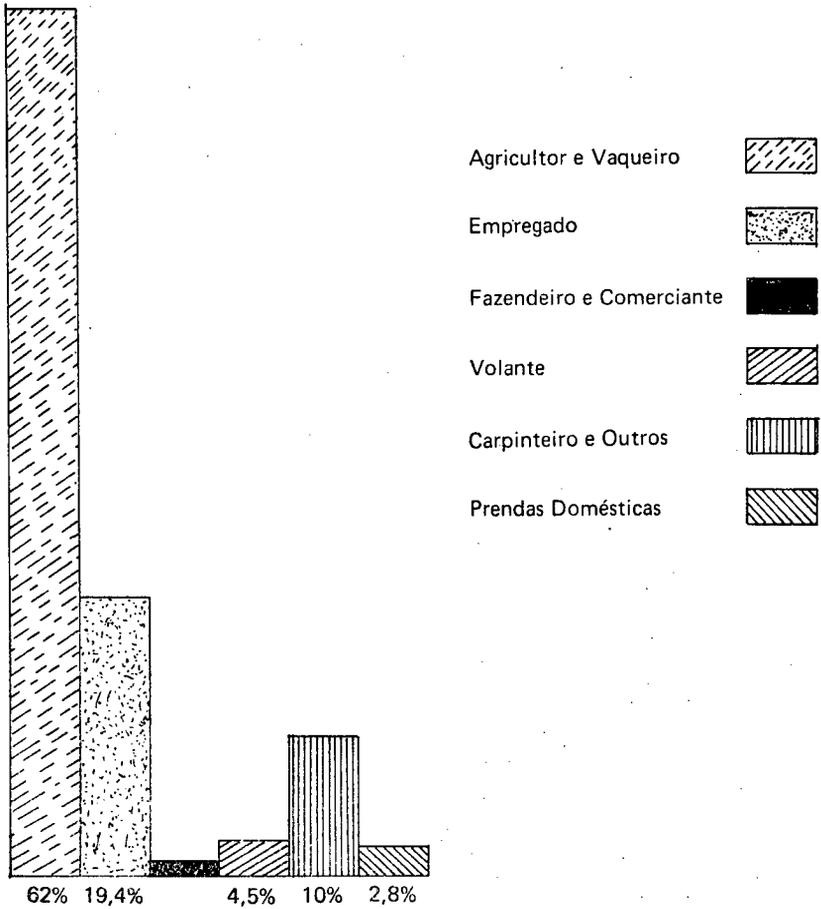


**PERCENTAGEM SOBRE AS PESSOAS QUE FORAM OU NÃO
DESPEDIDAS PELOS CORONÉIS NA ÉPOCA DA SECA**

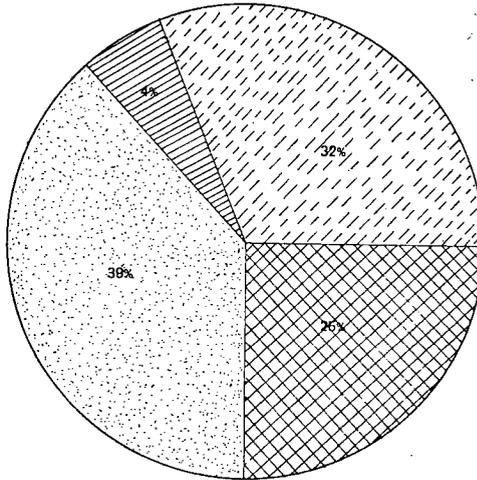


DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL SEGUNDO O TIPO DE OCUPAÇÃO

Amostra 67

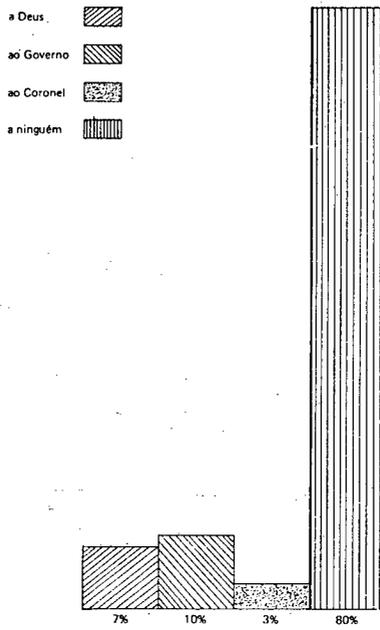


RELAÇÃO ENTRE TRABALHO E POSSE DE ROÇAS
TOTAL DA AMOSTRA — 67 — PERCENTAGEM



- Empregados e tinham roça 
- Empregados e não tinham roça 
- Não eram empregados e não tinham roça 
- Não eram empregados e tinham roça 

SUJEITO A QUEM SE PEDIU AJUDA DURANTE A SECA



Uma parte para os ex-integrantes dos grupos de cangaceiros e outro grupo de itens para pessoas muito relacionadas com um cangaceiro que pudessem falar com precisão sobre sua vida.

Os dados empíricos foram submetidos ao teste estatístico. Não usamos dados quantitativos, pois, não seria possível apresentar provas em termos de números, estabelecendo comparações muito gerais com a realidade. Usamos apenas números para provar, qualitativamente, o que demonstramos no decorrer do trabalho. Por isso utilizamos porcentagens, médias, proporções e relações de variáveis qualitativas (x^2).

Em função da hipótese, realizamos uma pesquisa no sertão do Nordeste, aplicando questionário, cujo universo é constituído de pessoas ligadas, direta ou indiretamente, ao fenômeno do cangaço.

A pesquisa buscou dados que ainda existem, procurando provar qualitativamente a hipótese levantada. Os dados são:

- a). — Mais indicativos que conclusivos.
- b). — Faixa numericamente limitada.
- c). — Pesquisa limitada no tempo, porque não se pode provar que o período por nós analisado seja o mais representativo do cangaço.
- d). — Os dados se relacionam com uma parcela da população envolvida no fenômeno; além disso, pessoas distanciadas no tempo.
- e). — O que apresentamos nesse item representa amostra significativa, dentro das possibilidades existentes.

Os elementos dos questionários analisados, vão permitir uma caracterização de orientação, não se pretendendo chegar a um resultado conclusivo. Utilizamos os seguintes critérios por nós estabelecidos:

Número de filhos do inquirido no questionário; nível de instrução; trabalho — em dois sentidos: qualidade do trabalho, ter ou não trabalho remunerado, mais ou menos estavel.

Utilizamos essas variáveis unidas, porque, assim, o resultante nos dá uma noção do que era o sertanejo, em seus aspectos gerais. Baseados nesses critérios, escolhemos dois grupos: social e econômico.

Dentro da nossa análise, consideramos, do primeiro grupo, o de nível social e econômico baixos:

Baixo (Social)	}	nº de filhos de 11 a 20 anos	— 11 pessoas
		analfabetos	— 11 pessoas
		não trabalham	— 176 pessoas
			198
Baixo (Econômico)	}	trabalho não qualificado (agricultor, tropeiro, volante)	— 46 pessoas
		não proprietário (salário de 7,5 a 15,5 mil réis por mês)	— 11 pessoas
			— 5 pessoas
			62

E do segundo grupo, níveis social e econômico altos:

Alto (Social)	}	nº de filhos de 2 a 10 sabem ler	— 17 pessoas
			— 21 pessoas
		têm trabalho (menores e maiores)	— 263 pessoas
			301
Alto (Econômico)	}	trabalho qualificado (empregado, comerciante, artesão)	— 21 pessoas
		proprietários	— 20 pessoas
		salário de 22,5 a 50 mil réis ou mais por mês	— 6 pessoas
			47

Os dados acima indicam a existência de dois níveis, chegando-se à conclusão de que estão, dentro do nível superior social e econômico, 348 indivíduos.

Com nível social superior e nível econômico inferior, 363 indivíduos.

Nível econômico alto e social baixo, 245 indivíduos. No nível econômico e social baixo, estão 260 elementos.

Residiu, a preocupação do investigador, em ver se existe relação entre o nível *Econômico e Social*; utilizando as provas estatísticas (x_2), chegou-se à conclusão de que esses dois níveis têm relação, isto é, existem dois grupos com diferenças sócio-econômicas entre eles, mas que se correspondem entre os indivíduos de cada grupo.

Dai concluímos que, para o sertanejo ter um comportamento de revolta, os dois aspectos analisados, sócio-econômico e o sócio cultural, em outro nível (sem cruzamento de variáveis), levaram o sertanejo a ser cangaceiro.

Unindo-se o alto social e econômico, verificamos que, dentro do quadro de nível social, o grupo alto corresponde às pessoas alfabetizadas, com trabalho fixo e com pequeno número de filhos; sob o ponto-de-vista econômico representa os proprietários de terra, comerciantes e artesãos com salários superiores à média geral.

O grupo baixo socialmente representa os analfabetos, com o número de filhos superior a 10 e sem trabalho fixo. Economicamente pertencem ao quadro de trabalhadores não qualificados, sem qualquer propriedade, recebendo salário inferior a 15,5 mil réis por mês.

Na época analisada, desses dois grupos podem surgir os cangaceiros, porque os motivos que afetaram a sua conduta tinham a mesma e grande importância para os de nível econômico e social alto e para o grupo baixo.

A questão da honra, por exemplo, afetava ambos os grupos. Os padrões culturais são mais ou menos equivalentes a todos os elementos da comunidade, porque as normas, valores, tradições e costumes, correspondem a seus membros, indistintamente.

As razões mediatas do cangaço são de ordem social e econômica e a razão imediata é a vingança, motivo forte para levar o sertanejo a romper com sua vida pacata.

Independentemente da vingança, existiram outros fatores que levaram, o sertanejo a se transformar em cangaceiro.

O questionário por nós elaborado visou a abordar três tipos de indivíduos, relacionamos com o fenômeno do cangaço:

- a). — sertanejos, do sexo masculino, com mais de 60 anos, que moravam na área por onde passaram os revoltados e em áreas onde sertanejos se transformaram em cangaceiros.
- b). — indivíduos intimamente ligados aos cangaceiros, conhecendo profundamente sua vida.
- c). — ex-cangaceiros.

O total de questionários respondidos foi apenas 68, mas seu valor é qualitativo.

Esses dois últimos tipos de indivíduos, que responderam ao questionário, é que estabeleceram os motivos pelos quais o sertanejo se transformava em cangaceiro.

16	45,7%	perseguidos
3	8,6%	voluntários
5	14,2%	influenciados
11	31,5%	vingança.

As causas de vingança que representam os 31,5% dos sertanejos que ingressaram no cangaço são:

- a). — roubo de terra.
- b). — violência sexual.
- c). — assassinio de parentes.
- d). — abusos do poder.

Os motivos que levaram à perseguição do sertanejo e que provocaram seu ingresso no cangaço conforme 45,7% dos entrevistados no questionário foram:

- a). — parentesco com cangaceiro.
- b). — coiteiro.
- c). — perseguido pela justiça.
- d). — jagunço de coronel perseguido.
- e). — sertanejo perseguido pela volante (1).

(1). — Observação: — Existem ainda os influenciados. No nosso questionário aparecem, em pequena quantidade, os voluntários. Consideramo-los, assim, apenas para obedecer rigorosamente às suas respostas, muito embora eles estivessem perfeitamente enquadrados dentro do percentual dos influenciados.